

esta matéria pode amplificar quem tiver mais prudência e mais vagar que eu; porque estão tocando as caixas a rebate e eu vou acudir a minha obrigação.

Não quiseram responder a estas cartas o Governador João Fernandes Vieira e os dois mestres-de-Campo, André Vidal e Martim Soares, entendendo que não mereciam resposta, pois eram estratagemas dos holandeses para intimidar aos moradores da terra e perturbar os ânimos aos soldados; que eles mesmos holandeses haviam mandado pedir ao Governador-Geral que lh'os mandasse para aquietar aos moradores, para que com esta traça os obrigassem a se tomar para a Bahia e, ficando em Pernambuco os moradores sós, os acometessem livremente e os destruíssem com maior facilidade, como se os soldados da Bahia não houvessem visto com seus olhos e com mágoa de seus corações a grande traição que os holandeses lhes tinham armado, mandando-os vir da Bahia com pretextos de aquietarem a terra e prenderem os cabeças do levantamento; e tanto que estivessem em Pernambuco matá-los a todos, como o pretenderam fazer em Tamandaré, mandando-lhes queimar os navios em que haviam vindo e usando crueldades nunca vistas com os que acharam neles. Tendo intenção de matar também aos dois mestres-de-campo que haviam desembarcado em terra com sua infantaria, como não tivessem embarcações para se tomarem; e mortos eles irem com armada sobre a Bahia, aleivosamente e tomarem-na à falsa Fé. E, ou bem tomada ou mal tomada, ficassem com ela, e senhores de todo o Brasil, como fizeram em Angolas, São Tomé e etc.

Porém, Henrique Dias, governador do terço dos negros crioulos, mulatos, angolas e minas, com ser um negro crioulo, ficou tão picado tanto que leu estas cartas, que, sem o fazer a saber aos nossos mestres-de-campo, respondeu secretamente aos flamengos e mandou pelos seus descobridores de campo deitar a resposta junto à porta da fortaleza das Cinco Pontas, atada em um pau, de sorte que em se abrindo a porta da fortaleza forçadamente a haviam de ver e



ler os que dela saíssem, ou nela entrassem. E foi a carta tal, que numa mais os holandeses mandaram deitar semelhantes cartas pelos caminhos, nem usaram de semelhantes estratagemas; e a resposta dizia assim:

*São tão manifestos e claros os embustes e enredos de Vossas Mercês, que até as pedras e os paus conhecem seus enganos, aleivosias e traições. Não falo de mim, que com perda de minha saúde e derramamento de meu sangue me fiz doutor no conhecimento desta verdade. Quando Vossas Mercês mandaram à Bahia a pedir ao Governador Antônio Teles da Silva socorro de infantaria para aquietar estes moradores de Pernambuco que se haviam rebelado, não estava eu, nem o governador dos índios, Dom Antônio Felipe Camarão, na Bahia; que éramos idos havia muitos dias a certas empresas de importância ao sertão. E lá tivemos aviso dos moradores desta terra, em como, por se livrarem das crueldades, traições, roubos e tiranias, que vossas mercês com eles usavam, se haviam rebelado e estavam com as armas nas mãos, deliberados ou a ficar livres de tão tirano jugo e deitar a Vossas Mercês da terra, ou a perderam as vidas na demanda. Ouvida sua razão e conhecendo quanta razão tinham de se levantarem, nos pusemos ao caminho e os viemos ajudar. E entrando nesta capitania soubemos de certo que havendo Vossas Mercês mandado vir a infantaria da Bahia para aquietar a terra, tanto que viram desembarcados em terra os nossos soldados, lhes mandaram queimar os navios em que haviam vindo e determinaram matá-los a todos enganosamente, não tendo embarcações para se tornarem; e por esta razão se deliberaram os dois mestres-de-campo de se defenderem de vossas mercês; e eu e o Governador Camarão de os defender em tudo o que pudéssemos, e demos nossa viagem por bem empregada. Meus senhores holandeses, meu camarada o Camarão não está aqui, porém eu respondo por ambos. Vossas Mercês saibam que Pernambuco é sua pátria e minha e que já não podemos sofrer tanta ausência dela; aqui havemos de perder as vidas, ou que*



*havemos de deitar a Vossas Mercês fora dela; e ainda que o Governador-Geral e Sua Majestade nos mandem retirar para a Bahia, primeiro que o façamos lhes havemos de responder e dar as razões que temos para não desistir desta guerra. O caso é que se Vossas Mercês se querem render e entregar o Recife, lhes faremos todos os honrados partidos que forem possíveis; e se se enfadarem de estar encurralados nesse Recife e quiserem sair a espairecer e dar uma saída cá por fora, livremente o podem fazer e aqui os receberemos com muita alegria e lhes daremos a cheirar as flores que produzem e brotam os nosos mosquetes. Deliberem-se com tempo e despejem a terra, ou deixem-se aí estar metidos, comendo e bebendo o que tiverem em seus armazéns, ou mandem buscar muito provimento à Holanda, porque o que a terra produzir havemo-lo mister para nós; e se Vossas Mercês mandarem vir armada de Holanda, também nós temos rei e pai, que suposto que até agora se não tem metido nesta facção da liberdade, todavia se vir que os da Companhia mandam armada de novo, também Sua Majestade nos mandará a sua, porque assim o pede a razão e a justiça; que acuda a seus vassallos nas tribulações. Deixem vossas mercês de fazer tanto gasto sem proveito, porque bem podem perder as esperanças de o tirarem jamais de Pernambuco. E quando nossos pecados (o que Deus não permite) nos obrigarem a nos retirarmos, saibam de certo que havemos de deixar a terra tão rasa como a palma da mão; e tão abrasada que em dois anos não dê fruto. E se Vossas Mercês a tornarem a plantar (o que não sabem, nem podem) nós viremos a seus tempos a lhe queimar em uma noite o que houveram plantado em um ano. Isto não são fábulas, nem palavras deitadas ao vento, porque assim há de ser. Guarde Deus a Vossas Mercês e os converta de suas falsas seitas e heresias.*

O Governador Henrique Dias



Depois que Henrique Dias escreveu esta carta, nunca mais até agora escreveram os holandeses do Recife mais cartas, antes por todo o mês de abril até vinte de maio vieram do Recife rendidos e fugindo para a nossa banda quase todos os dias holandeses, franceses e negros, assim de Angola como minas, como caboclos brasileiros e algumas mulheres; os quais todos confessaram que no Recife se passava muita fome e que tanta era a falta de mantimento que valia um alqueire de farinha da terra vinte mil réis, e não se achava. Pela qual razão estavam muitos soldados para fugirem do Recife e passar-se para o nosso arraial; e os que fugiram foram mandados para a Bahia.

Entre o principio de maio e fim de abril, vendo-se os holandeses que estavam na Ilha de Itamaracá, perseguidos da grandissima fome que padeciam, e que do Recife lhes não vinha provimento, por o não haver, determinaram fazer uma saída fora da ilha e dar de repente na povoação de Tijucupapo, aonde sabiam que em seu distrito haviam roçarias de mandioca e quantidade de legumes e frutas de espinho; e matando aos moradores da dita povoação antes que pudessem ser socorridos da nossa infantaria de Igarassú e de Goiana, e ficando senhores absolutos daquela terra pudessem a seu prazer arrancar grande quantidade de mantimentos para se sustentarem um par de meses e tomar-se para a ilha sem perigo nem impedimento algum. E para efetuarem esta sua determinação, mandaram ao Recife pedir socorro de gente e embarcações; o qual lhe veio sem demora. Foram vistas doze lanchas que do Recife lhes mandaram pelos nossos exploradores da beira do mar. E trouxeram aviso aos nossos mestres-de-campo, os quais suspeitando que poderia o holandês ser avisado por algum traidor, em como os nossos dois capitães, Paulo da Cunha e Francisco Lopes, vinham do Rio Grande em guarda de uma tropa de trezentas vacas do muito gado que a nossa gente e o Camarão haviam ajuntado nos campos do dito, nas barbas do inimigo, sem que ele ousasse a sair da fortaleza a lho impedir. E como o demais gado já estava no nosso arraial e este magote vinha detrás, e os dois